

## A RESPONSABILIDADE DE QUEM REALIZA UMA TRAVESSIA. ODISSEIA DO HUMANO

Claudia Raquel Macedo Mota<sup>1</sup>

### Resumo

A travessia na perspectiva do canto homérico *Odisseia* está na dimensão do ser, está na dimensão da vida. Percorremos então o caráter de mobilidade que tem o real, melhor, o sentido de liberdade que fala a travessia. Por isso, desenvolvemos o seu aspecto responsável e a sua conexão com a finitude, com o humano. O artigo pretende fundamentar esse nexos de travessia e liberdade humana através da consciência histórica trabalhada pelos autores Nietzsche e Cassirer e ainda por meio do sentido heideggeriano de serenidade. A história como forma simbólica em Cassirer, o sentido de “esquecimento” da história enquanto historiografismo, em Nietzsche e a serenidade como um “guardar sereno” possuem um papel central para a questão da liberdade humana. Esse nexos essencial permite um olhar essencial para o canto homérico, para o sentido que nos trouxe até aqui – travessia.

**Palavras-chave:** travessia; vida; liberdade; história.

### Résumé

La traversée dans l’*Odyssée* d’Homer, la perspective abordée est de la dimension de l’être, de la vie. Nous parcourons alors le caractère de mobilité que tient le réel, le meilleur et le sentiment de vie dont parle cette perspective. Ainsi, nous élaborons son aspect responsable et la connection avec la fin, l’humain. L’article entend soutenir ce lien de croisement et de vie à traversée la conscience historique travaillée par les auteurs Nietzsche e Cassirer et aussi à travers le sens heideggerien de la sérénité. L’histoire comme forme symbolique chez Cassirer, le sens de “l’oubli” de l’histoire comme historiographisme chez Nietzsche et le sérénité comme “garde sécuritaire” jouent un rôle central dans la question de la liberté humaine.

**Mots-clés:** traversée; vie; liberté; histoire.

---

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia pela UFRJ. Pesquisadora da Filosofia de Martin Heidegger. Email: raquel70mac@hotmail.com

Ler *Odisseia* com a promessa de vida, liberdade e responsabilidade é ouvir os seus cantos, é deixar os cantos falarem, é, afinal, ser ouvinte de nós mesmos, de nossas ações. Porque sempre somos levados a cumprir, somos tomados pela vida, pela criação, pela liberdade. Somos a partir dessa criação. Os cantos de *Odisseia* se esclarecem na própria vivência, que é vivência do sagrado. Os deuses não são uma invenção, uma mentira. Para o homem grego arcaico, o sagrado é uma forma de vida, ele é compreendido existencialmente, antes de se estabelecer uma relação na forma da fé religiosa como pressuposto. Devemos pensar aqui em uma outra forma de relação, dizemos da relação que não se faz entre duas instâncias separadas. O encontro com os deuses é existencial. Além do mais, as travessias de Odisseu nos ensinam o que é ser homem. Os deuses, sendo dotados de todas as possibilidades, estão aí e a cada vez têm um significado para a vida humana, dando às coisas, às palavras e às nossas relações uma nova profundidade.

Como introdução vale uma passagem de *Para discussão da serenidade*, de Martin Heidegger:

Professor – Para a criança no Homem, a noite permanece aproximadora/costureira (*Näherin*) das estrelas.  
Erudito – Ela junta sem costura, bainha, nem linha.  
Investigador – Ela é costureira/aproximadora porque só trabalha com a proximidade.  
Erudito – Caso ela alguma vez trabalhe e não repouse antes...  
Professor – ao admirar as profundidades da altura.  
Erudito – Assim, poderia a admiração abrir o que está fechado?  
Investigador – Conforme o tipo de aguardar...  
Professor – se for um aguardar sereno (*gelassenes*)...  
Erudito – e a essência do homem aí permanecer a-propriada...  
Professor – àquilo de onde somos chamados (*gerufen*) (HEIDEGGER, 2000, p. 69).

Esta conversa nos permite refletir a experiência da inocência; vemos que a inocência, assim como a liberdade, também é uma fonte de espontaneidade, de revelação do real – no “aguardar sereno” não se leva em conta um objeto qualquer, mas um aventurar-se no próprio aberto<sup>2</sup>, que é possibilidade de ser. Queremos dizer com isso da experiência do outro, do estranho, do não sabido, da fragilidade do humano. Por isso mesmo, para nos assegurarmos de nossa inserção no mundo, do que nós mesmos o somos, precisamos cair nas “profundidades da altura” a fim de sermos admitidos à “essência”, ao lugar, ao próprio (limite). O lugar de onde somos chamados é aquele que

---

<sup>2</sup> Cf. HEIDEGGER, M. Para discussão da serenidade. In: HEIDEGGER, M. *Serenidade*. Tradução Maria Madalena Andrade, Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

constitui criação, o lugar essencial e não o lugar no seu sentido espacial, que no fim das contas é aquilo que em nós se dá pelo crescente desejo e domínio sobre o mundo, sobre o outro, e justamente na *Odisseia* se apresenta como *híbris* (na vaidade e soberba dos pretendentes de Penélope). Tão logo lembramos aqui o interesse da professora Nancy Mangabeira Unger<sup>3</sup> pelas reflexões de La Boétie sobre o tirano, para fazer falar a atitude da amizade. É nesse sentido que ela fala de uma “tiranização do próprio real”, que vivemos nos dias de hoje. E com isso chega também ao tema da gratuidade, isto é, da liberdade:

[...] a amizade se liga à gratuidade: ela existe quando assumimos que nossa vocação existencial não é a de subjugar as coisas, mas deixá-las se manifestarem enquanto tais, e não enquanto objetos cujo valor reside em como podem servir a algum objetivo humano (UNGER, 2001, p. 43).

Portanto, para permanecermos firmes “àquilo de onde somos chamados”, precisamos acolher o mistério. Daí a nossa proposta de pensar o caráter responsável da travessia que perfaz o canto *Odisseia*. Tencionamos mostrar, então, com esta apreciação, em que sentido os heróis míticos de *Odisseia* são responsáveis por uma ontologia, pelo ser das coisas. Em que medida se pode dar a pensar a experiência da travessia como uma maneira de ser, revelando a condição atravessada do homem no mundo e discutindo o seu caráter de humanidade na sua relação própria de finitude. Ou seja, buscamos caracterizar uma experiência que não apenas nos põe no caminho, mas que é também o próprio caminho. “Tudo está no caminho”, escreveu Heidegger<sup>4</sup>. E “nós mesmos somos este ‘a caminho’, esta travessia...” (HEIDEGGER, 2003, p. 7).

Com efeito, refletir sobre o aspecto responsável da travessia a partir de *Odisseia* é uma forma de pensar a experiência da travessia no seu caráter mais fundamental, no seu caráter de vida, de luta, de ação. Pois, atravessar significa comprometer-se com o real, com as realizações do real, com a abertura de mundo. Essa responsabilidade não é a ação responsável de um sujeito, ela se faz, ela é e se faz na tessitura das coisas, em sua inteireza. *Odisseia* começa assim:

O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas errâncias, destruída Troia, polis sacra, as muitas urbes que mirou e mentes de homens que escrutinou, as muitas dores amargadas no mar a fim de preservar o próprio alento e a volta

<sup>3</sup> Nancy Mangabeira Unger é professora adjunta de filosofia na Universidade Federal da Bahia. Publicou os livros “O encantamento do humano” e “Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico”.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, M. *O princípio do fundamento*. Tradução Jorge Telles Meneses. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 92.

aos sócios. Mas seu sobre-empenho não os preservou: pueris, a insensatez vítima-os, pois Hélio Hiperião lhes recusa o dia da volta, morto o gado seu que eles comeram. Filha de Zeus, começa o canto de algum ponto! (HOMERO, 2013, canto I, versos 1 - 10).

Pelo conceito de travessia que buscamos aqui: realizar uma travessia é ser responsável pelo ser, pela ontologia das coisas, pela vida. Porque travessia é isso: vida e compromisso com ela – a vida como força do real, que é ação. Justamente porque entendemos a travessia como vida, é que podemos dizê-la como exercício de responsabilidade pelo real. As aparições da deusa Atena aos heróis de *Odisseia* nos momentos difíceis, naqueles em que *ser* homem é o dilema essencial, traduzem muito bem essa compreensão de travessia. Pois, onde não há decisão<sup>5</sup> não há singularidade e, portanto, ação livre. Atena é o espírito da ação. Como expressa Otto, numa belíssima descrição de Atena, a deusa da “ação enérgica”:

A verdadeira Atena não é um ser selvagem, nem um ser contemplativo. Sua combatividade não é arrojo, seu claro espírito não é razão pura. Ela está longe de ambas as inclinações. Representa o mundo da ação, mas não a imprudente e crua, e sim a ponderada, que conduz à vitória com mais segurança por via de sua consciência “lúcida” (OTTO, 2005, p. 51).

À medida que determinamos o lugar ou o tempo de nossa travessia, retiramos aquilo que é mais próprio dela, a dinâmica da vida, a possibilidade. A experiência da travessia é uma possibilidade, um modo de ser que se concretiza na sua exposição, em sua autoexposição. E mais, é uma atitude diante do real, um compromisso com a realização da realidade que se expõe. Daí porque não importam os prazos, a linearidade ou a ordem dos acontecimentos, e então a Musa “começa o canto de algum ponto”. Em sua famosa preleção de 1936, “Introdução à Metafísica”, Heidegger afirmar que a vida como existência não é um negócio. É isso mesmo! E em uma das muitas análises de Carneiro Leão sobre o pensamento grego, vemos uma alusão ao movimento circular de nosso viver, de nosso compreender:

Que experiência originária se recolhe singelamente no verbo grego ζάω, que traduzimos por viver? Temos de compreender, em profundidade, nosso próprio viver para nos aproximar, embora à distância de mais de dois mil e quinhentos anos, do vigor e da eloquência da palavra grega. Qualquer um percebe facilmente que, aqui, nos movemos em círculo: para se recolher a

---

<sup>5</sup> A decisão sobre a qual se fala aqui é a *de-cisão* que é pensada com Heidegger, em *Ser e tempo*. Não se trata de uma ação que é decidida pelo sujeito, mas da abertura do *Dasein*. Não é uma “decisão” moral, portanto; é *mais* que isso, é decisão originária, ontológica.

experiência originária dos gregos, temos de compreender, em profundidade nosso próprio viver, e, para compreender, em profundidade nosso próprio viver, precisamos da experiência originária dos gregos (LEÃO, 2000, pp. 132 - 33).

Mesmo sendo repatriado, Odisseu, o herói de aspecto divino, não atinge o fim de sua jornada. Afinal, quando as coisas se mostram para nós, já estamos *aí*, existindo, sendo; já estamos sempre no caminho, quando buscamos por ele:

O herói divino desperta sem reconhecer a terra ancestral, há muito ausente. A filha do Cronida, Palas Atena, havia difundido névoa em torno dele, para torná-lo irreconhecível, pela mulher e pelos itacenses, antes de colocá-lo a par de tudo, antes que o herói punisse duramente a hiperousadia dos pretendentes (HOMERO, 2013, canto XIII, versos 187-195).

A travessia só acontece para aquele que se mantém firme no “a caminho”, ou seja, nas ações dos heróis míticos, e no modo como eles lidam com as situações. Manter-se no “a caminho” significa assumir a humanidade do homem. Como nos diz Nancy Mangabeira Unger:

Em nosso empenho de tyrannizar o real, esquecemo-nos de que não somos “sujeitos” e sim “sendos”, parte integrante de um real em constante mutação. Assumir nossa humanidade é afirmar nossa amizade co-operária com o próprio ritmo da vida: seus riscos, suas perdas, sua provisoriamente. Quando essa amizade é “esquecida”, quando o diálogo e a troca são substituídos pelo projeto de dominação e controle, o homem se isola diante da natureza e diante dos outros homens (UNGER, 2001, p. 42).

É nesse sentido que dizemos que Odisseu responde por uma ontologia e assim pela liberdade humana (de como o homem, o real, é ou existe). É uma exposição de si, uma experiência de vida, do viver próprio, ou seja, do viver livre, do viver responsável. Pois a noção de travessia traduz aqui a jornada do herói Odisseu de volta para casa, o seu retorno, a re-tomada da vida, apesar das grandes ofertas que lhe são feitas. É o desprendimento, sem alarde, provocado pelas muitas situações da vida.

Sublime deusa, comigo não te agastes: sei perfeitamente bem que a estatura e as curvas da consorte sábia são inferiores às que alguém encontra em ti: eterna desconhece (ela não) a velhice. Mas mesmo assim o meu anseio-mor é ver o dia do retorno em que eu adentre o lar. E se um dos deuses me afundar no oceano vinho, suportarei, pois trago no ânimo a paciência, tantos reveses padeci, tantas angústias nas ôndulas, na guerra, às quais acresço estas (HOMERO, 2013, canto V, versos 214 - 224).

Isso significa acolher uma condição. Odisseu decide em meio às circunstâncias que se lhes apresentam aceitar sua condição de provisório, de mortal; decide, pois, pela humanidade do homem. Assim, *Odisseia* canta a incompletude do homem: “Similar aos deuses, (...) estou longe de ser no jeito ou na feição; sou homem que, sabeis bastante bem, suporta agruras. Sofro tal e qual os outros sofrem” (HOMERO, 2013, canto VII, versos 208-212). O homem se torna homem no fazer-se, no re-fazer da vida, do real. Não sou antes ou fora da travessia; nela, já estamos desde sempre. Por isso mesmo, para nos darmos conta de que estamos aí, no meio da travessia, temos de fazer dessa instância o nosso lugar, o nosso próprio. É assim que experimentamos o extraordinário, a transcendência, que fazemos a experiência dos deuses; “[...] os deuses não podem ser inventados, nem concebidos, mas tão somente vivenciados” (OTTO, 2006, p. 20).

O herói Odisseu decide, então, aceitar a condição fundamental, a condição de ser mortal, decide aceitar o repatriamento, o re-torno, o re-fazer da vida, porque não pode medir forças e não pode porque não consegue entender certas coisas que vão se apresentando a ele; não entende, pois, a vida colocada em partes, dividida, ou seja, a sua domesticação. “O sertão está em toda parte”. Isso é acolher o estranho, o outro, o mistério, o futuro e se responsabilizar pelo ser. A “‘antecipação do passo’ não supõe chegar ao término, mas precisamente tomar em conta o estar a caminho, deixar-lhe o passo livre, abrir-lhe caminho, conservando a *possibilidade de ser*” (HEIDEGGER, 2012, p. 23).

A noção de travessia a partir da obra homérica, *Odisseia*, é um esforço de compreender o real num todo contínuo; não há dois mundos distintos e separáveis, o interno e o externo, mas um mundo experienciado, vivenciado. A partição homem e coisa é um caráter muito presente hoje, vivemos o que se chama de desvanecimento do sagrado. Na descrição dos Cíclopes lemos, “[...] que fiam nos deuses a ponto de não cultivarem o plantio: a floração se dá sem a semente e o arado, de grãos, cevada, de videiras dulcicachos do vinho puro: chove Zeus e faz crescer” (HOMERO, 2013, canto IX, versos 107-111). Não se pode separar a dinâmica da vida de seu conteúdo.

Os pensadores originários (os pré-socráticos), não elaboraram nenhuma teoria sobre o homem, mas certamente quando buscavam uma explicação do mundo, estava nela implícita o desejo de compreender o homem enquanto parte da ordem cósmica. O homem arcaico vive e aprofunda o mistério. O mistério do homem é reafirmado por

Pascal<sup>6</sup>, no início da filosofia moderna. Não é tarefa da religião entender e resolver o mistério do homem. Ela apenas confirma esse mistério. O homem não é um ser de simples compreensão, que traz em si uma estrutura homogênea; portanto, não pode ele ser reduzido à ciência do cálculo.

Cada homem tem uma existência. Ser jogado, lançado no mundo, é uma missão, uma responsabilidade. A realidade é existencial. O poder-ser do homem é a sua possibilidade. Isso é o estranho, o mistério do homem. É por isso que a responsabilidade está no âmbito primeiro; entendida aqui como ação que perfaz história, e por isso não é a responsabilidade que se põe a partir de um sujeito. Pois a travessia não poderia ser estudada sob as mesmas causas gerais que são estudadas os fenômenos físicos. A travessia desde e como vida não pode ser reduzida ao modo empírico de investigação.

Esse nexos de travessia e vida nos remete também para a importante crítica de Friedrich Nietzsche, nas *Considerações Intempestivas*, à concepção científica da história. De acordo com ele, a história quer seguir o caminho dela sozinha sem olhar para o elemento essencial da vida. Contudo, é somente em função desta força não-histórica, a vida, que a história deve caminhar. O sentido histórico é, pois, a grande glória do homem moderno, que assumiu a forma do historiografismo. Há um excesso de conhecimento sobre o passado que produz a decadência da humanidade. O homem consciente da historicidade tem a sua capacidade crítica inibida. O respeito pelos acontecimentos herdados de uma tradição ocidental tornou o homem obediente demais e sem qualquer estilo. Daí a necessidade de um certo grau de esquecimento em benefício da vida e do tempo que há de vir.

A felicidade está na possibilidade de esquecer por um momento que seja e não na constante lembrança. A esfera da não-história é a matriz não só de um ato injusto mas de todos os atos justos e, portanto, de todos os grandes acontecimentos históricos. Nietzsche acredita que seja preciso uma correspondência entre o passado e o presente de tal forma que consigamos aproveitar o que já foi realizado, sem, contudo, permanecer na sua dependência, abrindo espaço para uma nova história. De certo modo é preciso “esquecer”. É a vida, pois, que deve comprometer a história e não o contrário.

Também aqui o movimento de compreensão é o mesmo: não queremos fazer parecer que a travessia esteja subordinada à vontade do homem, e muito menos que seja

---

<sup>6</sup> Apesar de sua contribuição à geometria o filósofo Blaise Pascal (1623-1662) preferiu os “espíritos de *finesse*”. Suas *Cartas provinciais* (1657) ficaram famosas, deixou também opúsculos filosóficos, científicos e matemáticos. Escreveu *Pensamentos* (1670), um projeto inacabado em defesa do cristianismo e que foi publicado após sua morte.

resultado de uma vontade divina. Mas isso não significa retirar de nós o sagrado, negá-lo, e também não é negar a dinâmica da vida, de forma alguma. Porque isso mesmo não é possível. A história não é negada na sua totalidade, mas apenas na forma mais excessiva. Nietzsche reconhece a sua utilidade para a vida, entendida segundo o modo de ser próprio do homem. Por isso, ele fala de três formas de história concebidas a partir do ser do homem enquanto ativo, enquanto homem que venera e, por último, enquanto crítico. A forma monumental é a forma que o homem poderoso encontrou para fazer servir o passado à vida.

Porém, quando essa história toma como lei própria a manutenção do grande e do eterno na história, ela contradiz a própria natureza dinâmica da história e da vida. A grandeza de um acontecimento ou fato se opõe à vida; o que não é monumental não é digno de admiração e imitação, porque é atual. O excesso de história consiste justamente nessa concepção de história como algo eterno, grandioso que sepulta a obra dos vivos. A história tradicionalista também se opõe à vida no momento em que não favorece a mudança e o novo.

O tradicionalismo se restringe em conservar o passado e acaba limitando também a sua visão do mundo por conta de um respeito desmedido pela tradição. Portanto, tudo que é novo e está em crescimento, é negado e atacado. Por isso, a necessidade de um terceiro modo – a história crítica, para submeter o passado a um juízo rigoroso. A crítica é entendida em contraposição a qualquer espécie de respeito e, por esse motivo, entendida como uma iniciativa que semeia perigo. A história crítica também manifesta um mal-estar na medida em que não consegue fixar um limite à sua recusa do passado. Ela provoca um conflito entre a natureza herdada e o nosso conhecimento, e assim, entre uma primeira e uma segunda natureza.

Nietzsche nos ensina que o excesso de história provoca um mal-estar na humanidade. Uma das razões dessa situação de perigo constatada nas formas da história é o contraste entre o interior e o exterior que enfraquece a personalidade. O homem moderno abafa os seus instintos por conta de uma cultura histórica caracterizada como uma perspectiva universal e uniforme. Vivemos numa época de tipos de homens de tipo universal. A sua personalidade enfraquece na medida em que ele se volta para dentro de si, e nada podemos ver dele do lado de fora quando a sua pessoa é dominada pela cultura. O homem atual é um homem de forma e imagem, porque mascara as suas atitudes próprias e ações em função de uma objetividade.

Para Ernst Cassirer<sup>7</sup>, “a história está situada no campo da hermenêutica, não no da ciência natural” (CASSIRER, 2005, p. 317). O historiador não realiza um trabalho de reprodução, mas antes de criatividade e imaginação. Não é possível, com isso, falar de Ciência da História, visto que não é possível separar a objetividade da subjetividade no campo da história. Ou seja, o momento da particularidade e o momento da universalidade se completam. Esse “tipo específico” de saber se estende para a verdade histórica, no sentido de dizer que o historiador tem mais a ver com os artistas do que com os eruditos.

O mesmo movimento é pensado em relação à travessia. Não há travessia sem responsabilidade, sem compromisso de ser. Ou seja, sem a contrapartida da vida. De qual responsabilidade falamos aqui? Sobre qual responsabilidade queremos pensar? É a responsabilidade que se põe como experiência, como vivência, como ação. Por que responsabilidade? Porque sem ela não haveria travessia como experiência de vida, de ação, de possibilidade. E a travessia se constitui como algo dinâmico, não fixo, quer dizer, não é algo que termina, porque também não houve um começo, num sentido cronológico dos termos. “É um começo estranho e curioso, como todo começo essencial. Pois é um começo que, quando realmente começa, faz a experiência e descobre que já tinha desde sempre começado” (LEÃO, 2003, p. 29).

De acordo com Heidegger, só podemos deixar as coisas serem, na *serenidade do pensar*. Esse pensar sereno constitui liberdade. O homem só se torna homem porque se determina um ser lançado na história, para perder ou ganhar. E realizar uma travessia é ser responsável por isso, por um aspecto de vida, pela dinâmica e pela “criação constante”.

É o que acontece com Odisseu, quando a ele cabe a decisão, e a escolha da decisão, apesar do auxílio da deusa Atena ao longo de sua travessia. O que é essa travessia senão a travessia do homem de acolher uma dimensão da vida? O homem cujo modo de ser não lhe é dado de saída. As travessias são as possibilidades de sentido.

Quando os deuses autorizam a partida de Odisseu da ilha onde morava a ninfa Calipso, “a deusa que lhe constrangia a ficar”, ele se põe a preparar a sua saída da ilha construindo uma jangada, ou seja, construindo a sua travessia, o seu próprio. Lemos, então, na seguinte descrição:

---

<sup>7</sup> A verdade histórica consiste na primazia da interpretação dos símbolos. Por isso, a história é única e não pode se classificar como ciência.

E ele talhou os troncos num labor agílmo, totalizando vinte ao chão, que esgalha a golpe de segure. Amarrou atento aos vãos perfeitos. Calipso trouxe o trado, deia entre divinas, com que ele fura os lenhos, mutuamente justos, cavilhas conectadas e tarraxas. Hábil armador na fabricação da nau de carga mede a largura e o comprimento dos baixios, o herói calcula assim a prancha da jangada (HOMERO, 2013, canto V, versos 243 - 251).

É nesta conquista de identidade, de próprio, que descobrimos que já desde sempre atravessamos o mundo. Pois, o vir a ser outro, o auto-superar-se é o princípio e o fim da travessia. A superação surge e se impõe no decorrer da travessia. E porque somos finitos, precisamos definir, precisamos decidir, para continuar a travessia. É o que nos mostra esta passagem em que os barcos de Odisseu, por um desatino dos sócios (os companheiros), ficam ainda mais longe da terra nau: “Desperto, a dúvida tomou meu coração: matar-me num salto em mar profundo, ou suportar calado e preservar-me entre os viventes? Preferi permanecer e suportar” (HOMERO, 2013, canto X, versos 49-53).

E assim, seguem as consequências. E é nesse mesmo sentido que compartilhamos da compreensão de Eliade sobre homem e mundo:

Se o mundo é transparente para o homem arcaico, este sente que também é “olhado” e compreendido pelo mundo. O animal de caça olha-o e o compreende (o animal, muitas vezes, deixa-se capturar porque sabe que o homem está faminto), mas também o rochedo ou a árvore ou o rio. Cada qual tem sua “história” a lhe contar, um conselho a lhe dar (ELIADE, 1989, p. 126).

Convencionou-se a falar de autonomia, de independência e de uma vida sem limites, esquecemos que não somos instâncias dentro do mundo, seres acabados, esquecemos nossa finitude, nossa fragilidade. Talvez tenhamos abandonado o caminho do meio, “a hora da travessia”. Pois estamos livres e não estamos, diria. É por este ser, pelo que estamos, que somos responsáveis. Esta responsabilidade não é de modo algum de ordem interna, do puro sujeito; ela se empenha no movimento das relações, isto é, na vida. O que está em jogo é o estar aberto, a “essência do livre”, que significa permanecer no próprio. Por isso, o outro, o estranho, está sempre próximo. Travessia é isso, é estar próximo do estranho, abrindo espaço para o uso do próprio, isto é, para a ação livre.

Pelo canto de seus heróis, o poeta Homero guarda o claro saber de uma ação; as ações sempre significam algo, e a cada vez põem o ser histórico que o homem é. Com seus fracassos, suas exigências e, paradoxalmente com a tarefa de ser,

simplesmente. Este ser se preserva, mas se põe a nós no calor das relações, na vida ocupada, em nosso tratamento com as coisas. “O ser da vida fática mostra-se no que é no como do ser da possibilidade de ser de si mesmo. A possibilidade mais própria de si mesmo que o ser-aí (a faticidade) é, e justamente sem que esta esteja ‘aí’, será denominada *existência*” (HEIDEGGER, 2012, p. 22).

Não há nada mais vivo do que isso. É como o dizer dos feitos de Odisseu, Penélope e Telêmaco, por exemplo. Uma vez mais, colocam-se em ponto de atravessar, de aguentar, porque estão comprometidos com o real. Podíamos pensar aqui como Guimarães Rosa, que pela boca de Riobaldo disse: “Sozinho sou, sendo, de sozinho careço, sempre nas estreitas horas – isso procuro” (ROSA, 1979, p. 119). Riobaldo está coprometido com o seu ser, com a ação, com a vida; apenas ele quer ser dele, só isso!

E para concluir essa breve apreciação sobre a travessia, melhor, sobre a experiência da travessia responsável em *Odisseia*, exaltamos aqui, pelas palavras de Walter Otto, o símbolo desse aspecto de vida e luta que pervaga toda a obra:

A crença em Atena não nasceu de nenhuma necessidade ou ansiedade particular da vida humana. Ela é o sentido e a realidade de um mundo íntegro e consumado: do mundo claro, duro, glorioso, viril, dos projetos e da execução, mundo cujo deleite é a luta (OTTO, 2005, p. 52).

De acordo com Otto, Atena é a deusa mais amiga dos homens. Essa maneira de ver a deusa é uma possibilidade do real – interpretando isso como um modo de ser da realidade sem apontar para o universo íntimo do homem com seus interesses, suas vaidades. Sempre entendendo as divindades como uma experiência, uma experiência do sagrado. É no meio disso que estamos, somos; aqui é o nosso lugar, nem atrás nem adiante, mas sempre junto a. O ser junto a constitui o “a caminho” de nosso ser. Travessia consiste neste espaço que é livre, porque próprio. Muito mais que isso, é decidir pelo ser que somos, estamos, que é a coragem de ser. Temos que decidir, temos que escolher, isso é vida, isso é travessia.

O que é realizar uma travessia com coragem de ser? É permanecer em nosso a caminho, em nosso modo de ser, é acolher a finitude. Mesmo estando longe de casa, Odisseu cumpre *seu* ser, ou seja, vive entre um sim e um não. A parada ou a demora nesse entre é o sentido da travessia. Heidegger chama esta tensão de ser de finitude. Odisseu reúne essas dimensões, essas possibilidades – as dimensões opostas da vida, a tensão da vida. A coincidência dos opostos se dá nas errâncias, nos desvios – Odisseu,

em cada ocasião. As várias atitudes, as presenças, as memórias, a eternidade, a mortalidade, a sobrevivência.

Precisamos entender que tudo isso não depende da dinâmica de resultados. É uma relação com a vida, com o movimento, com a história, com o destino da história, com a nossa condição atravessada. O plurissignificado do mito pode lançar luz sobre o nosso tempo, e faz isso pela experiência de um novo pensar que toma a vida como vida, o homem como homem.

E assim tornamos claro o nosso empenho de caracterizar a responsabilidade de quem realiza uma travessia. No movimento da travessia, da vida, que é o transcorrer, a provisoriedade, o tempo, a morte, a finitude, compreendemos as ações dos heróis míticos, enquanto ações livres e responsáveis pelo humano. Pela responsabilidade que fizemos aparecer com a travessia, entendemos que estamos já desde sempre no caminho que é o nosso, é no “a caminho” que nos mostramos para nós mesmos, pois atravessar é pôr-se à vista mediante a responsabilidade pelo que somos sendo homens. Não podemos evitar. Caminho.

## Referências

ELIADE, M. *Mito e realidade*. Tradução Pola Civelli. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

HEIDEGGER, M. Para discussão da serenidade. In: \_\_\_\_\_. *Serenidade*. Tradução Maria Madalena Andrade, Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ontologia: (hermenêutica da faticidade)*. Tradução Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schubach. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009, (vol. único).

HOMERO. *Odisseia*. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2013.

LEÃO, E. C. A História na Filosofia Grega. In: FERREIRA, A. M. C. (Org.). *Fenômeno & Sentido*. Salvador: Quarteto, 2003, pp. 17-35.

\_\_\_\_\_. Uma leitura órfica de uma sentença grega. In: LEÃO, E. C. *Aprendendo a pensar*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 130-143. Vol. II.

NIETZSCHE, F. Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida. In: *Considerações Intempestivas*. Tradução Lemos de Azevedo. Lisboa: Presença, 1976.

OTTO, W.F. *Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego*. Tradução Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2005.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 13ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

UNGER, N. M. *Da foz à nascente: o recado do rio*. Campinas: Cortez, 2001.

CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Recebido em: 20/04/2021

Aprovado em: 25/05/2021